

PREFÁCIO

Abordar o processo de decisão clínica de enfermagem é abordar uma parte importante do saber de enfermagem, sua construção, formação, especificidade e generalidade. Este livro situa-se, por isso, num terreno profundamente relevante e actual da investigação sobre as profissões, os saberes e as identidades profissionais, terreno para o qual, aliás, a investigação em enfermagem muito tem contribuído.

O estudo do saber específico de uma profissão é motivado por preocupações de eficácia e adequação dos serviços prestados, mas também por critérios ligados ao estatuto a ser reconhecido aos profissionais que o detêm. Se é verdade que os debates sobre o profissionalismo estão associados ao domínio de competências específicas, tanto de índole técnica e cognitiva como de índole relacional e deontológica, é também verdade que os esforços de profissionalização de uma actividade estão, e estiveram sempre, fortemente associados à criação de um espaço de poder social onde as invocações sobre os saberes obedecem conjuntamente a uma estratégia de afirmação associada à identificação de espaços de autonomia e respectiva definição de fronteiras.

A este propósito, a enfermagem não só não é excepção, como constitui até um caso exemplar. Mais que noutras profissões, é aqui evidente que a sua progressiva afirmação social tem resultado de um esforço interno de identificação de um saber que assegure a qualidade dos serviços prestados, mas que garanta também um estatuto adequado à profissão, bem como a sua autonomia (se não independência) em relação a outras que lhe são próximas, como por exemplo a profissão médica.

A tradução destes esforços em novas profissionalidades e identidades profissionais em enfermagem tem sido notável, para o que vem contribuindo de forma determinante uma comunidade académica forte, sólida, teórica e metodologicamente autónoma, hoje já claramente instituída a nível internacional e a seguir nesse mesmo caminho a nível nacional.

A prossecução da construção de um quadro teórico específico da enfermagem e de vias metodológicas, não só adequadas ao campo das profissionalidades em presença, mas também à vontade e à necessidade de autonomia e especificidade do grupo profissional, tem sido uma estratégia central quer para a construção dessas novas profissionalidades e identidades, quer para a constituição dessa comunidade científica e académica. Neste trajecto, os profissionais e investigadores da enfermagem têm desde há muito, de forma sábia, colocado a “relação com o utente” e a “saúde” no núcleo da profissão, fazendo com que tais dimensões

assumam, por isso, uma função geradora e estruturadora da construção da identidade da enfermagem, o que se reflecte também nas metodologias de investigação adoptadas, sobretudo de cariz qualitativo.

Centrando-se no processo de decisão clínica de enfermagem, esta obra de Élvio Henriques de Jesus integra-se nesta historicidade, permitindo esclarecer condições centrais da qualidade da prestação de cuidados, mas também configurar referenciais mais sustentados do profissionalismo em enfermagem, com incidência tanto nos sistemas de formação como em dimensões organizativas e comunicativas dos contextos de trabalho que lhe são próprios.

O facto de o locus da acção profissional de enfermagem ser um processo – o processo de enfermagem – coloca, só por si, o saber de enfermagem num registo original e pouco ortodoxo, uma vez que a sua especificidade e valor estarão sempre associados ao potencial de autoria que os profissionais possam colocar nesse processo, enquanto tal, e aos seus resultados. Dado o núcleo identitário da profissão de enfermagem, aquela qualidade e estes efeitos estarão sempre associados à saúde, pois o processo de enfermagem, embora exista a pretexto da doença (próxima ou longínqua, de acordo com os lugares de trabalho), é, por definição, inspirado pela promoção da vida.

A evolução ocorrida durante a segunda metade do séc. XX no que respeita aos paradigmas do processo de enfermagem, assunto abordado logo no início deste livro, corresponde claramente à progressiva elaboração desse processo como espaço de autonomia e de exercício de saberes profissionais próprios e complexos, razão pela qual a ela se associa o progressivo *empowerment* dos profissionais da enfermagem, enquanto pessoas e enquanto grupo.

Ultrapassado o paradigma dos “problemas e processos” que, ao definir soluções para problemas também eles previamente elencados, prescindia do pensamento do profissional (da sua decisão), ausentando-o do *locus* da sua profissionalidade – o processo –, o debate vai então centrar-se em torno de duas propostas sobre os saberes a serem usados na gestão desse processo pelos enfermeiros: um reclamado-se do raciocínio analítico, outro do raciocínio intuitivo; o primeiro focalizando a formulação e a testagem de hipóteses no processo de cuidados e, portanto, contemplando a capacidade de inferência dos profissionais no seu decurso – simultaneamente condição de adequação do processo de cuidados e condição de valorização do estatuto dos profissionais –, mas de forma apesar de tudo linear e exterior, e o segundo associando ao processo de cuidados um “saber interior”, fortemente relacionado com a experiência profissional reflectida e/ou com características individuais do profissional.

O critério tradicionalmente associado ao reconhecimento do estatuto e valor social de uma actividade profissional – a posse de um conhecimento científico decorrente do paradigma “sistemático-positivista” – não está ausente deste debate. O raciocínio intuitivo, porque tradicionalmente à revelia desse critério, sendo

condição de qualidade e eficácia se usado de forma “prudente e inteligente”, ao contrário do raciocínio analítico, não oferece, para esse efeito, o mesmo grau de segurança.

Mas os debates sobre o profissionalismo há algum tempo que vêm a ultrapassar este registo estático e dualista, baseado mais no saber como distinção e menos no saber como acção. Enquadrada nesta problemática e convocando perspectivas teóricas e pesquisas realizadas a seu propósito, esta obra é um contributo central para o esclarecimento do lugar ocupado por aqueles dois tipos de raciocínio no processo de decisão clínica de enfermagem.

Um contributo central, desde logo, ao descrever, pela primeira vez, o processo de tomada de decisão clínica de enfermagem em contextos naturais, através de um exaustivo estudo de base etnográfica, e depois ao identificar as suas características e dinâmica, concluindo nomeadamente não apenas pela combinação, mas também pela concomitância de fases de raciocínio analítico e de raciocínio intuitivo num processo circular e fluido de prestação de cuidados. O raciocínio intuitivo estaria associado a situações de maior imprevisibilidade e ambiguidade (decorrentes da ausência de estruturação da situação e de tempo e informação disponíveis), requerendo, por isso, a “percepção súbita” de padrões que o caracteriza. Verifica-se também que todo este processo é suportado por uma reflexão constante que se traduz na selecção de acções de enfermagem para atingir os resultados esperados, reflexão essa que acontece num vaivém sistemático (se não numa simultaneidade) entre a interacção (conversação) com o utente e a intervenção, e que permite avaliar, resolver problemas e conhecer o utente, sendo esta última dimensão o ponto de partida e de chegada de todo o processo.

A decisão clínica de enfermagem reclama, portanto, no seu nível mais complexo e difícil, o raciocínio intuitivo e a pessoa total do profissional (mediador de que depende todo o significado dado à situação), e inclui o estabelecimento da relação em si mesma, independentemente da existência ou da inexistência de problemas a resolver, como parte do processo de prestação de cuidado. Esta constatação, por si só, evidencia o carácter eminentemente relacional (toda a relação é processual) das profissionalidades e da dinâmica dos saberes de enfermagem.

Embora as características individuais (de tipo cognitivo e/ou emocional) dos enfermeiros sejam indicadas desde o início da obra como variáveis importantes no padrão de prestação de cuidados, esta descrição do processo de tomada de decisão bastaria para o demonstrar. Elas interessam na medida em que compõem a competência profissional (aqui entendida no registo que lhe é reconhecido hoje no domínio da reflexão sobre os saberes profissionais, ou seja, como mediação psicossocial, simultaneamente específica e global), que, resultando – como o autor bem demonstra – da experiência profissional reflectida e/ou das experiências formais de formação e/ou dos estilos pessoais é, em todos os casos, passível de

formação. Estudá-las é, por isso, contribuir, na base, para a organização de um pensamento sobre a formação adequada ao processo de decisão de enfermagem descrito.

O estudo de tipo estatístico/descritivo que integra esta obra – com o qual o autor pretendeu avaliar o contributo diferencial de algumas características individuais dos enfermeiros (pensamento criativo, pensamento crítico e inteligência emocional) na qualidade do processo de enfermagem –, embora não permita que dele se retirem a todos os seus níveis conclusões claras e distintas, constituiu-se, sem dúvida, num excelente estudo exploratório cujas indicações devem alimentar novos estudos mais abrangentes. De entre essas constatações, destaca-se a que diz respeito à existência de diferenças significativas em termos de inteligência emocional, entre dois grupos de enfermeiras com padrões contrastados no que diz respeito ao carácter metódico-humanizado / desorganizado-instrumental do seu processo de prestação de cuidados. No primeiro caso observam-se níveis mais elevados de inteligência emocional, nomeadamente (e curiosamente) no que se refere ao reconhecimento de emoções (através da observação de faces) e à compreensão de emoções (ligada à capacidade de conhecer o outro de diversos pontos de vista).

Debruçando-se sobre o processo de decisão, parte importante do saber profissional (que inclui, entre outros, também os saberes partilhados e situados), esta obra pode igualmente ser vista como um contributo para as reflexões sobre a noção de competência, hoje tão absorventes e atraentes em diversos domínios profissionais.

O carácter apelativo do debate sobre a noção de competência resulta de ela se situar num espaço de ambiguidade, mas também do seu carácter heurístico, o qual decorre do facto de a noção, por um lado, alargar (e até acentuar) o campo das profissões a saberes antes não identificados como tais – como o “saber ser” e o “saber que fazer”, tão centrais no processo de decisão clínica de enfermagem – e, por outro lado, romper com os desníveis tradicionais entre teoria e prática, formação e acção, conhecimento e experiência.

Se, tradicionalmente, a formação é associada à teoria e ao conhecimento e a prática é associada à acção e à experiência – sendo os oriundos do campo da formação acusados de conhecimento a mais e de prática a menos, enquanto os do campo da acção são acusados de prática a mais e de conhecimento a menos –, a noção de competência, ao valorizar o que do conhecimento se traduz em acto útil, contribui para desfazer essas distinções e permite reconhecer dimensões do saber antes ocultos, bem como formar para essas dimensões do saber e desenhar novas articulações entre os dois campos.

Esta obra de Élvio Henriques de Jesus é, pelo seu próprio objecto, uma apreciável achega neste sentido. Nas suas conclusões, encontramos recomendações respeitantes tanto à organização do trabalho e dos contextos profissionais como à

organização e gestão dos currículos da formação inicial, contínua e pós-graduada que, embora digam respeito ao campo da enfermagem, se constituem também, ressalvadas as devidas traduções, em indicações preciosas para outros domínios profissionais.

Para finalizar esta breve apresentação de um livro que, pelas razões que já referi, será com certeza um marco no desenvolvimento e na investigação da profissão de enfermagem, apenas mais duas notas – uma relativa à leitura da análise dos dados inerentes ao estudo etnográfico que o sustentou e outra relativa ao seu autor. Quanto à primeira, interessa dizer que ela, para além de nos permitir conhecer por dentro o quotidiano dos profissionais de enfermagem em contexto hospitalar (e, de modo incontornável, admirá-los), se torna desde o início profundamente cativante, envolvente e estimulante. Do autor, destaco as suas qualidades como investigador e como profissional de enfermagem. Ao longo de três anos, tive a possibilidade de assistir à sua adesão intrínseca ao rigor e à ética, à sua forma simultaneamente persistente e serena, inteligente e humilde, de se confrontar com o trabalho científico, à sua capacidade de se interrogar para prosseguir e à sua visão esclarecida sobre o mundo da enfermagem. Esta obra é o espelho de todas essas qualidades.

Amélia Lopes

Vila Nova de Gaia, 7 de Março de 2006